



CONTOS GUERRILHEIROS

MEMÓRIAS DA LUTA ARMADA NO BRASIL

IVAN SEIXAS



Editorial Adandé – Série Luta Armada, 2025.

Edição, revisão e impressão:

Editorial Adandé

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Gato Preto CC

Impressão:

Cooperativa Uhuru

1ª edição, abril de 2025.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Seixas, Ivan

Contos guerrilheiros : memórias da luta armada no Brasil / Ivan Seixas. -- 1. ed. -- Feira de Santana, BA : Ed. do Autor, 2025. -- (Série luta armada)

Bibliografia.

ISBN 978-65-01-00280-4

1. Ditadura - Brasil - História - 1964-1985
2. Ensaios brasileiros 3. Guerrilheiros - Biografia - Brasil 4. Histórias de vidas 5. Militância I. Título. II. Série.

25-260108

CDD-920.932242

Índices para catálogo sistemático:

1. Guerrilheiros : Biografia 920.932242

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Direitos reservados. Vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização do autor e da editora.

Editorial Adandé – Casa da Resistência

Rua César Martins da Silva, nº 35, Centro.

CEP: 44001-508 – Feira de Santana, Bahia.

www.editorialadande.com

*Aos meus filhos Bárbara, Flora e Diego, para que
conheçam mais da história de seu pai.
Ao meu irmão Irineu, que viveu e sofreu muitas
dessas histórias quando era criança.
Às novas gerações, para que saibam que nosso
povo resiste e não é cordeiro.
Ao nosso povo brasileiro, que sofre e luta, sempre.
Aos que caíram na luta, meu eterno respeito e
orgulho de os ter conhecido.
À minha companheira Silvana, que me deu apoio
quando as histórias me pesaram muito.*

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	— 10
<i>Apresentação</i>	— 14
<i>O ponto</i>	— 24
<i>Iniciação</i>	— 28
<i>O tiroteio</i>	— 36
<i>Um médico</i>	— 40
<i>Identidade</i>	— 48
<i>O carro-forte</i>	— 50
<i>A toca do tatu</i>	— 58
<i>Múltiplo sequestro</i>	— 70
<i>Resgate de Bacuri</i>	— 82
<i>Reunião da Frente</i>	— 100
<i>A queda de Toledo</i>	— 108
<i>Escolta para Lamarca</i>	— 114
<i>Márcio</i>	— 124
<i>Inimigo capturado</i>	— 128
<i>Bacuri e Fujimori</i>	— 140

<i>Queda de Coqueiro</i>	— 150
<i>Tomada de fábrica</i>	— 158
<i>Reflexão difícil</i>	— 170
<i>A base</i>	— 174
<i>Propaganda das armas</i>	— 182
<i>O dia cinco</i>	— 194
<i>Márcio cai</i>	— 200
<i>Captura de Henrique</i>	— 208
<i>Dina resgatada</i>	— 216
<i>A captura do Burguesão</i>	— 224
<i>Grande parada</i>	— 232
<i>Justiçamento de Boilesen</i>	— 238
<i>Roque e Teobaldo também caem</i>	— 242
<i>Queda de Rei</i>	— 254
<i>A guerreira Ruth</i>	— 262
<i>Vendo à queda</i>	— 270
<i>Triste comunicação</i>	— 278
<i>A justiça</i>	— 282
<i>Reencontro e reconstrução</i>	— 294

Prefácio

VIAGEM AO CENTRO DA RESISTÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

Editorial Adandé

Era uma manhã ensolarada de 21 de abril, em 1792, quando no antigo Largo da Lampadosa, centro da então capital colonial, a cidade do Rio de Janeiro, o líder mais radicalizado da revolta que entraria para nossa história como Conjuração Mineira, Joaquim José da Silva Xavier, seria enforcado em praça pública, tendo seu corpo posteriormente esquartejado e salgado, com seus pedaços sendo distribuídos pela Estrada Real entre a capital e Minas Gerais. Sob às ordens de Maria I, que ficaria conhecida como a “rainha louca” do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, a cabeça do ex-alferes e dentista prático, defensor da república e a favor da abolição da escravidão, seria levada para Vila Rica e exposta dentro de uma gaiola no alto de um poste no centro da Praça de Santa Quitéria.

Antes de ser enforcado, o único condenado à morte naquela revolta anticolonial, afirmaria em voz alta para o público do cortejo que acompanhava seu martírio que “se dez vidas tivesse, dez vidas daria pela libertação da minha pátria”. Ironicamente, Tiradentes que seria eleito como herói da nação e símbolo da pátria após a Proclamação da República em 1889, foi escolhido também como o patrono das instituições policiais brasileiras, as mesmas que representam em nossa realidade histórica a tortura e o martírio de quem ousou lutar pela libertação do país, assim como, reproduzem a mesma lógica de dominação colonial através da brutalidade e da repressão contra a maioria pobre e negra do povo brasileiro.

O nome de Tiradentes, como libertador da pátria e herói anticolonial, assim como o lema “se dez vidas tivesse, dez vidas

daria”, seria reivindicado pelo pequeno, mas importante grupo guerrilheiro que enfrentou a ditadura militar fascista e o imperialismo norte-americano, o Movimento Revolucionário Tiradentes – MRT. As raízes da organização armada de orientação marxista-leninista e formada em 1969 fundamentalmente por operários remontam ainda ao PCdoB histórico e às Ligas Camponesas de Francisco Julião.

O Partido Comunista do Brasil (PCdoB) havia sido fundado em 1962 sob a liderança Maurício Grabois e Pedro Pomar a partir da crise instalada sobre o movimento comunista com o famoso relatório de Kruschev contra Stalin de 1956. Adotando a linha revisionista da “transição pacífica ao socialismo” o setor majoritário da direção do Partidão consolida seu poder no V Congresso de 1960 e posteriormente opera a mudança de nome para Partido Comunista Brasileiro, a fim de obter o registro eleitoral do PCB, além de novos estatutos onde não constam definições como marxismo-leninismo, internacionalismo e comunismo. Com a expulsão da minoria do Comitê Central e dos signatários da chamada “Carta dos 100”, essa dissidência irá liderar a nova formação do Partido Comunista do Brasil.

Assumindo a estratégia maoista da guerra popular prolongada a partir do campo e negando a luta nas cidades para dedicar-se exclusivamente ao trabalho de preparação da guerrilha do Araguaia a partir de 1966-67, o PCdoB expulsa um setor divergente na sua 6ª Conferência, que juntamente com militantes das Ligas Camponesas dará origem ao PCdoB – Ala Vermelha, ou simplesmente Ala. Promovendo ações de expropriação nos centros urbanos o chamado Grupo Especial Nacional Revolucionário (GENR) se torna independente direção da Ala, em um novo racha que finalmente dará origem ao novo Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT), que sob a liderança principal de Devanir José de Carvalho, o comandante Henrique, adota o nome do antigo braço armado das Ligas Camponesas que existiu em 1961-62 e foi a origem de parte dos combatentes que deixaram a Ala para formar a nova organização.

Joaquim Alencar de Seixas, operário e veterano comunista que se transfere do Rio Grande do Sul para São Paulo em 1970, com sua esposa e seus quatro filhos Ieda, Iara, Ivan e Irineu, se integra ao MRT na capital paulista e se torna o comandante Ro-

que. Seu menino mais velho, Ivan, ainda no começo da adolescência e cursando o ginásio passa então a cumprir tarefas da organização, se integrando posteriormente ao grupo guerrilheiro como seu jovem combatente, mesmo sob a preocupação do seu pai e da sua mãe, a também comunista Fanny Akselrud Seixas, com a família conseguindo manter uma fachada de vida legal mesmo atuando clandestinamente na resistência revolucionária e utilizando sua casa como um aparelho do MRT.

O Movimento Revolucionário Tiradentes, ainda que com uma pequena estrutura, desempenhou um papel de relevância na luta armada contra a ditadura. Com a queda de Carlos Marighella em 4 de novembro de 1969 e o endurecimento da sanguinária repressão do regime, a Ação Libertadora Nacional (ALN) sob a direção de Joaquim Câmara Ferreira e a Vanguarda Popular Revolucionária reorganizada e dirigida pelo capitão Carlos Lamarca após a frustrada tentativa de unificação com o COLINA na VAR-Palmares, se juntam ao PCBR de Mário Alves e ao MR-8 da Guanabara para a formação da experiência de coordenação guerrilheira que existiu entre 1970 e 1971 e seria chamada de Frente Armada Revolucionária, contando ainda com a participação da REDE, de Eduardo Leite, o comandante Bacuri, que se integraria na ALN, e com o MRT sendo o principal elemento de ligação entre as organizações revolucionárias da Frente.

Como participante direto da luta armada no MRT e na Frente, Ivan Seixas nos brinda com as lembranças e a profundidade humana e fraternal de grandes nomes da nossa história de rebeldia como povo brasileiro, desde Henrique, Rei e Roque do MRT, passando por Lamarca, Yoshitane Fujimori e Inês Etienne Romeu, a comandante Leda da VPR, até os comandantes da ALN como Toledo, Bacuri e seu amigo Clemente, mas também desfilam nestas páginas fundamentais para nossa memória coletiva nomes menos conhecidos da esquerda armada e são personagens também destas histórias de resistência e opressão assassinos e torturadores da Oban, do DOPS, do DOI-CODI e do Esquadrão da Morte, além de traidores e infiltrados que desempenharam um papel crucial na repressão.

As ações da guerrilha urbana como a espetacular expropriação do carro-pagador da Brink's, a tomada armada da Fábrica Mangels, a tentativa de sequestro do general Humberto de Sou-

za Mello, os justicamentos do sádico empresário Henning Albert Boilesen e do delegado do DOPS paulista Octávio Gonçalves Moreira Júnior, e diversas outras operações de propaganda armada e expropriação são narradas a partir da visão de seus protagonistas. São histórias de abnegação, heroísmo e valentia de um lado, mas também de traições, covardia e sadismo do lado inimigo.

Ivan foi capturado pela repressão com seu pai em 16 de abril de 1971. Preso pela Oban, que depois se chamaria DOI-CODI, acompanhou o comandante Roque ser assassinado sob tortura, e sua mãe e irmãs também serem presas e violentadas. Ainda menor de idade, foi transferido diversas vezes entre os DOPS de São Paulo e do Rio Grande do Sul, depois para o Presídio Tiradentes, a Penitenciária do Estado de São Paulo, o DOI-CODI e a Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, sendo posto em liberdade somente em agosto de 1976, após importante campanha pela sua liberdade, mas passando ainda por 2 anos e meio de liberdade vigiada e sendo seguido pela repressão.

Esses *Contos Guerrilheiros – Memórias da luta armada no Brasil* reúnem em mais de trinta ensaios seus relatos e memórias reais que percorrem um importante período da história do nosso país, conduzindo o leitor às cenas do cotidiano da vida clandestina de militantes que assumiram o risco de enfrentar a máquina sanguinária da repressão através da guerrilha urbana e de ousadas ações armadas. O livro narra o funcionamento interno das organizações guerrilheiras, as relações afetivas de amizade, amor e confiança estabelecidas entre os combatentes da esquerda armada, a dureza da vida nas casas clandestinas chamadas de aparelhos, os encontros de guerrilheiros nos locais que eram conhecidos como pontos, o levantamento de informações até as expropriações de bancos e carros-fortes para financiar a luta, os tiroteios com agentes da repressão, as ações de propaganda armada, o atendimento médico aos feridos em condições precárias, o papel infame dos traidores e infiltrados conhecidos como “cachorros”, as redes solidárias de apoio e a tristeza das quedas de companheiros presos ou mortos pelos organismos de repressão.

APRESENTAÇÃO

Ivan Seixas

A decisão de narrar as histórias da experiência da luta armada no Brasil foi motivada muito pelo incômodo que sinto com os desvios de compreensão que recobrem esse período histórico. Como participante desse processo de resistência revolucionária, acredito que esses equívocos de entendimento levam a uma mitificação de pessoas e fatos ou mesmo à uma visão deturpada de como era nossa luta e como eram as pessoas que a faziam. Essa compreensão errada da nossa resistência e dos militantes e combatentes envolvidos acaba por levar a visão de que havia imaturidade nas pessoas, de que foi um erro histórico primário ou apenas aventureirismo, como alguns acusaram. Não aceito isso e entendo que é uma obrigação revelar a verdade sobre os fatos e as pessoas envolvidas. O julgamento a partir daí passa a ser com métodos e critérios, não apenas através de aparências deturpadas ou histórias mal contadas.

Se tornou lugar-comum a ideia de que os militantes que participavam da luta armada eram basicamente oriundos do movimento estudantil, de classe média e brancos do centro-sul do país. E que a luta era apenas contra a ditadura militar fascista, desgarrada da luta de classes, sem vínculos com a classe trabalhadora e o povo brasileiro, portanto. Marx, o velho Mouro, teria que estar errado se isso fosse verdade. Participavam e dirigiam a esquerda armada brasileira operários de várias categorias, camponeses de vários estados do país, militares expurgados pela ditadura quando do golpe de Estado ou que saíram das fileiras das forças armadas para aderir à guerrilha urbana e rural. Muitos dos nossos dirigentes eram negros e negras, em geral, das camadas mais empobrecidas do povo trabalhador. Muitas mulheres estavam na linha de frente.

Não levo em conta o que o inimigo diz sobre nós e, menos ainda, o que acham as pessoas que acreditam no que diz o inimigo. Como sempre, creio ser fundamental afirmar que havia

um inimigo a ser combatido e que não eram somente adversários políticos. É bom lembrar que esses inimigos queriam nos matar e também nos destruir politicamente. Por causa disso, entendo que é imperioso contar a verdade sobre os fatos, sem exagerar, muito menos abrandar a realidade vivida por homens e mulheres do povo brasileiro que deram suas vidas e suas mortes no combate contra um regime sanguinário e contra o imperialismo dos EUA, dono dessa ditadura fascista.

Entre as pessoas que veem com simpatia a resistência à ditadura militar há aquelas que olham com admiração cega e que não enxergam defeitos. Todo ser humano comete erros. O resultado final para esse tipo de visão acaba por abstrair a realidade e tudo passa a ser um mero detalhe e não consequência da dureza da luta. Por outro lado, há quem romantize o período e mitifique as pessoas envolvidas. Em ambos os casos há uma visão sobre os indivíduos, sem a devida contextualização histórica do processo como totalidade. A intenção de contar essas histórias é mostrar a luta como ela foi, sem retoques ou deturpações. E para mostrar as pessoas como elas eram, que mesmo enfrentando a dureza da clandestinidade se mantiveram humanas e generosas como sempre foram em suas vidas antes da opção pela guerra revolucionária.

Inicialmente, esses *Contos Guerrilheiros* estariam apenas no campo da ficção histórica, mas narrando a militância e seus combatentes sempre a partir das pessoas reais e dos fatos verdadeiros. Contudo, conforme companheiros e companheiras começaram a ler os textos, passaram a fazer uma cobrança para que eu contasse com realismo e sem rodeios as histórias que vivi e sobre as pessoas que conheci. No começo, resisti. Mas, depois achei interessante mostrar de perto as pessoas que todos conhecem e reverenciam. Me pareceu um bom modo de humanizar lendas e revelar todo o afeto existente entre quem tinha a dura tarefa de resistir à uma ditadura cruel e impiedosa, dirigida por um imperialismo ainda mais cruel e impiedoso. Era uma luta desigual e muito difícil. Mas, era uma luta necessária.

Tudo que está escrito nessas *Memórias da luta armada no Brasil* é a mais absoluta verdade, mesmo que em alguns momentos tenha sido obrigado a misturar texto ficcional e alegori-

as poéticas para melhor contar como a história verdadeira se passou. Quando não coloco nomes nas histórias é ficção usada para contar a realidade de como era a vida em clandestinidade, que serve para as organizações armadas e também para as que não optaram por essa via. Portanto, uso a ficção para auxiliar na redação de histórias absolutamente verdadeiras, muitas vezes por não termos testemunhas ou documentos disponíveis. Para essa tarefa, uso minha experiência pessoal e a de camaradas desse período para fazer essas memórias necessárias.

As histórias em que aparecem o personagem Teobaldo são as que vivi, pois esse era o meu nome de guerra como combatente do Movimento Revolucionário Tiradentes, o MRT. Assim, conto as histórias vividas por mim como de fato aconteceram. Todos os nomes de guerra usados são os que os militantes usavam naquela época. Faço isso por entender que nossos nomes de guerra não nos pertencem e, portanto, pertencem à história.

Em algumas histórias deste trabalho, contei como era a vida do comandante Carlos Lamarca, que morou em minha casa durante alguns meses. Enquanto escrevia percebi que estava dando vida outra vez ao grande revolucionário e mostrando ao que ele se submeteu para continuar a luta. Acho que assim faço justiça com essa figura extraordinária, que tenho grande orgulho de ter conhecido e com quem aprendi muito. Toda a singeleza desse homem extraordinário e toda a delicadeza dele para com as outras pessoas era sua marca. E eu, com apenas quinze anos de idade, era tratado com todo o respeito e carinho por ele. Uma figura fantástica que tive a honra de conhecer e conviver.

Espero ter conseguido mostrar quem eram e como eram nossas companheiras valorosas, que endureceram na luta, mas nunca perderam a ternura ou a delicadeza originais de suas vidas. Eram combatentes corajosas, companheiras firmes e leais, que nunca vacilaram. Juntei as memórias de várias dessas mulheres para melhor mostrar como eram elas na vida diária e sofrida da militância armada. Preservei a identidade dessas mulheres fantásticas em *Vendo à queda*, *Triste comunicação* e *A justiça* para garantir sua segurança e integridade pessoais. Estão vivas e continuam na luta.

Os personagens Ruth e Roque, que aparecem em várias histórias contadas neste trabalho são na realidade minha mãe, a professora Fanny Akselrud de Seixas, e meu pai, o operário mecânico Joaquim Alencar de Seixas. Todo o carinho de minha mãe com o comandante Carlos Lamarca era verdadeiro e ele sempre fez questão de ressaltar. Ele entregou sua vida em nossas mãos, pois vivia em nossa casa e tudo deveria ser preservado e feito para garantir algum conforto para ele. Aqueles cuidados com nossos companheiros que a personagem Ruth mostra na história *O carro-forte* é exatamente como minha mãe era. Resolvi escrever um texto sobre ela em *A guerreira Ruth*, pois seu comportamento frente ao inimigo foi exemplar. Tenho muito orgulho dela. A antiga militante comunista sabia da importância da nossa luta e mostrava isso sempre.

No conto *Identidade* tentei mostrar como era difícil o uso de tantos nomes que os militantes eram obrigados a utilizar para sobreviver na clandestinidade. Havia o nome verdadeiro, que não podia ser conhecido dos demais, e havia os nomes de guerra usados na militância clandestina para esconder o nome verdadeiro, além também dos nomes “frios” usados nas identidades falsas que permitiam aos combatentes viver e até apresentarem se fossem parados numa batida policial, para alugar uma casa ou comprar um carro para sua Organização. A vida clandestina exigia isso das pessoas dedicadas à militância revolucionária. Mas, as vezes era confuso mesmo.

De forma muito natural, comecei a refazer memórias em que alguns personagens fundamentais da nossa luta surgem em sua verdadeira dimensão humana. Meus queridos amigos e companheiros Henrique e Clemente são uma constante nessas histórias, pois foram marcantes comandantes guerrilheiros e generosos militantes, que me ensinaram muito.

O comandante Henrique, do MRT, era na verdade o operário metalúrgico Devanir José de Carvalho, que me deu uma nova dimensão ao meu orgulho em pertencer à classe operária. Minha compreensão de mundo passada por meus pais, foram completadas por minhas conversas com ele, os conselhos militantes e os elogios incentivadores que ele fazia. Era como um irmão mais velho. Sua companheira, Dina, a operária Pedrina de Car-

valho, e seus filhos Carlos e Ernesto são parte de minha família. Para mim, até hoje eles são Dina, Carlinhos e Ernestinho. Figuras maravilhosas, que completam a magnífica figura de Henrique, meu comandante. Rei, o tipógrafo Dimas Antônio Casemiro, dirigente do MRT e um dos grandes combatentes da esquerda armada no país, é também uma presença marcante nestas memórias.

O outro personagem que retratei com o máximo de justiça que me foi possível foi meu querido amigo e companheiro Clemente. Em realidade, era Carlos Eugênio Sarmento Coelho da Paz, um jovem revolucionário de grande valor, que em muitos momentos se confundia comigo pela semelhança física e juventude. Tínhamos apenas três anos de diferença e isso nos aproximava e nos distanciava, ao mesmo tempo. Na história *Tomada de fábrica* conto que os jornais juntaram nossas duas figuras em uma só. Isso é real e verdadeiro. O inimigo divulgou nos jornais como se fôssemos uma só pessoa, mas que estavam em duas situações distintas e em lugares diferentes durante a ação da tomada da fábrica Mangels, no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Em *Reflexão difícil* conto um pouco de como ele era e como encarava a vida e a morte devido à sua militância. O diálogo que tive com Henrique sobre a atitude desafiadora de Clemente de deixar suas impressões digitais como uma assinatura é absolutamente verdadeiro. E os elogios do meu comandante a ele também são verdadeiros e foram muito sinceros.

Outra figura extraordinária que conheci e retrato com seu verdadeiro nome é o operário de telefonia Yoshitane Fujimori, que para nós era o Japa. Sempre sorridente e com uma palavra de carinho ou estímulo aos seus companheiros de luta, ele encantava qualquer um com sua simpatia e delicadeza. Era um combatente firme, com uma pontaria perfeita, segundo Carlos Lamarca, e de uma generosidade sem igual. Eu fiz questão de colocar seu nome verdadeiro para fazer justiça ao nosso querido companheiro, que nem sempre é lembrado devidamente e com o respeito que merece.

Em todos os textos em que relato as cenas de tortura tento passar a ideia de que é absolutamente falsa a visão de que a tortura é infalível e invencível. Todos os que morreram sem falar nada, como meu pai, Bacuri e Henrique, por exemplo, pro-

vam isso. Mas, os que sobreviveram à tortura, por conseguirem driblar os torturadores e não colaborarem com o inimigo, provavam que a tortura foi vencida. A humanidade vence a barbárie com a firmeza revolucionária.

Na história final deste trabalho conto a história de nosso *Re-encontro e reconstrução*, quando Clemente voltou do exílio e me procurou. O que retrato nessa história é totalmente verdadeiro e me deixou muito emocionado ao escrevê-la, pois me trouxe lembranças muito fortes desse querido companheiro. Com essas memórias tento fazer justiça com esse meu irmão de luta e, ao mesmo tempo, também retratar toda a nossa saudade, minha e dele, de tantas outras companheiras e companheiros, que ficaram pelo caminho abatidos pelo inimigo. E, principalmente a nossa tristeza pela perda de camaradas que foram fundamentais para a resistência contra a ditadura militar.

Perdemos Clemente recentemente para uma doença que o matou, fazendo o que o inimigo fardado não conseguiu. Ele era mais um de nós, mas era uma figura muito especial.

Espero sinceramente que fique bem claro que a opção pela via da luta armada não foi aleatória, muito menos fruto de decisões pessoais desse ou daquele dirigente iluminado. Mais ainda, que não foi decisão precipitada de jovens imaturos. Pelo contrário. Com certeza, foi uma decisão coletiva, tomada décadas antes e alimentada pela certeza de que era a única possibilidade lógica de derrubada do regime e da tomada do poder pela classe trabalhadora. E, também com certeza, foi a primeira tentativa efetiva que teve como objetivos a libertação nacional e o socialismo depois do Levante Comunista de 1935. O que iguala as duas experiências é a objetividade da necessidade de o povo tomar o poder das mãos de uma classe dominante opressora e exploradora, sem negociações, sem conciliação e, principalmente, norteadas pela estratégia revolucionária do marxismo-leninismo.

Ao contar o cotidiano da luta armada contra a ditadura a intenção é lembrar que sempre existiu e sempre existirá luta de classes. E que, portanto, a classe trabalhadora tem um inimigo definido, que é determinado a destruir a organização popular e sua força para exigir direitos e uma vida digna. Esse inimigo é a

burguesia, a classe dominante e seu Estado repressor, que tem as forças armadas como seu instrumento de guerra, treinado e sempre pronto para executar a tarefa de reprimir e massacrar o povo trabalhador organizado. Quando se entende a classe dominante como o verdadeiro inimigo deixa-se de acreditar em antagonismos pontuais ou circunstanciais, que cega e desvia a atenção para questões de forma e não de conteúdo.

Uma coisa é importante destacar. A experiência das décadas de 1960 e 1970 nos ensinou que não há mais apenas a burguesia local como inimigo, mas também o sistema de dominação imperialista, que submete e controla todas as classes dominantes nacionais. Não há mais como separar as débeis burguesias dependentes do imperialismo, como é o caso das lumpemburguesias na América Latina que se converteram em meras serviços dos EUA. Essa unidade do sistema imperialista fez o inimigo da classe trabalhadora se militarizar, desenvolvendo a repressão como guerra militar e com uma força desproporcional em relação à histórica luta de classes travada em nossos países. A instalação de ditaduras, através do controle do Estado diretamente pelo aparato militar a serviço da exploração capitalista, é o marco histórico dessa unidade entre as burguesias nacionais e o imperialismo. As forças armadas sempre estiveram presentes em nossos países como instrumento de repressão às lutas, mas nunca antes tão abertamente.

Tudo isso impôs a via armada como o caminho natural para a esquerda revolucionária. Quando houve o assalto ao poder e aos cofres públicos pelos militares fascistas, em 1964, foi feita uma declaração de guerra aberta pelo imperialismo. E a esquerda apenas reagiu a isso. A visão da direção do Partido Comunista Brasileiro na época, de que qualquer tentativa de golpe seria desmontada por um suposto esquema militar democrático, se mostrou apenas uma grande ilusão e uma tremenda fanfarronada. Segundo essa ilusão, os militares nacionalistas e legalistas iriam defender as instituições e espaços democráticos onde a esquerda deveria atuar. Não houve nenhuma orientação para resistência ao golpe de Estado e, menos ainda, para resistir à ditadura que seria implantada. A parcela revolucionária da esquerda se dedicou, então, a se reorganizar e tentar responder à guerra reacionária. Isso explica a enorme quantidade de organi-

zações que surgiram e a dificuldade em se ter unidade na ação. Essa tarefa de reorganização foi feita sob a repressão da ditadura militar, e a esquerda tinha que se proteger e, ao mesmo tempo, se reorganizar.

As organizações da esquerda armada tinham consciência de que sua ação era reativa e que tudo aconteceria nas cidades, com a perspectiva de um dia organizar a guerrilha rural. A dificuldade em travar discussões ao mesmo tempo em que era necessário sobreviver à dura repressão empreendida pelos militares no poder levou à improvisação de uma nova modalidade de luta revolucionária, que se travava apenas nas cidades. A perspectiva de levar a luta ao campo se mostrava apenas uma intenção. A guerrilha urbana se resumiu a fustigar o inimigo e ter que suportar as consequências dessa ação. Nas histórias *Iniciação*, *A base* e *Propaganda das armas* tento mostrar o tipo de ação feita pela luta armada com essa preocupação de fustigar e mostrar que a resistência era possível.

Renegar essa experiência sem refletir sobre o papel histórico das pessoas dedicadas à essa luta é desconsiderar a própria história. Com todas as dificuldades e todo o sangue derramado pelas mulheres e homens que deram suas vidas e suas mortes, fazer a resistência à ditadura militar no Brasil foi um combate necessário. Me orgulho muito em ter participado dessa luta e muito me honra ter conhecido pessoas tão gigantescas como as minhas companheiras e companheiros de luta armada. Para se fazer justiça com essas pessoas que escrevi esse trabalho. Espero ter conseguido.

A luta pela libertação de nosso povo e do nosso país, continua!

(4.) IVAN AKSELTRUD DE SEIXAS ("TEOBALDO" ou "JOSÉ")

- Filho de Joaquim Alencar de Seixas e Fanny Akselrud de Seixas
- nascido em Pôrto Alegre/RS, a 4 Set 54
- residência - Rua Ituchi nº 135 - Indianópolis
- pertencia ao MRT
- participou de várias ações subversivo-terroristas
- foi prêso a 16 Abr 71



(5.) FANNY AKSELTRUD DE SEIXAS ("RUTH" ou "LOURDES")

- filha de CHAIA AKSELTRUD e CLARA / AKSELTRUD
- nascida em SANTA MARIA/RS a 08 Fev 18
- residência - Rua Ituchi, nº 135 - Indianópolis
- pertencia ao MRT
- foi prêsa a 16 Abr 71
- C O N F I D E N C I A L -

Guilherme



(2) - JOAQUIM ALENCAR DE SEIXAS ("ROQUE")

- Filho de Estolano Pimentel de Seixas e de Maria Pordeus de A. Seixas
- Nascido em Bragança/Parã, a 2 Jan 22
- Residência: Rua Ituchi, 135 - Indianópolis/SP
- Era um dos dirigentes do MRT
- Participou de várias ações, inclusive do assassinato de H.A. BOILESEN.

- C O N F I D E N C I A L -

Guilherme



- C O N F I D E N C I A L -

R P I nº 04/71 - II Ex - continuação - fls 19 -----

(6) IEDA AKSELRUD DE SEIXAS ("IEDA DA SILVA" ou "VIRGÍNIA")

- filha de Joaquim Alencar de Seixas e Fanny Akselrud de Seixas
- nascida em SANTA MARIA/RS, a 06 Out 47
- residência - Rua Ituchi, nº 135 - Indianópolis
- pertencia ao MRT
- foi presa a 16 Abr 71



(7) IARA AKSELRUD DE SEIXAS ("ISAURA")

- filha de Joaquim Alencar de Seixas e Fanny Akselrud de Seixas
- nascida em Pôrto Alegre/RS, a 18 Mai 49
- residência - Rua Ituchi nº 135 - Indianópolis
- pertencia ao MRT
- foi presa a 16 Abr 71



6. Elementos mortos ao serem presos pertencentes ao MRT

(1) - DEVANIR JOSÉ DE CARVALHO ("HENRIQUE")

- Filho de Ely José de Carvalho e de Ester Campos de Carvalho
- Nascido em MURIAE/MG a 15 Jul 43
- Residência: rua Diogo Barbosa Rêgo, 124 - SP
- Era dirigente do MRT
- Morto ao reagir a prisão, em 05 Abr 71





O PONTO

Olha para o relógio como sempre faz nessas ocasiões. Faltam ainda dois longos minutos. Leva mais uma vez a mão até a cintura e sente a coronha da browning no lugar em que sempre esteve.

— Isso já tá virando tique nervoso – pensa isso, engole em seco e segue em direção à esquina.

Antes de entrar para a militância ele nunca havia pensado sobre a importância de uma esquina.

— Para que serve uma esquina além de mudar de uma rua para outra?

Na entrada de um prédio ele aproveita a tranquilidade do local e saca a pistola para se certificar que a bala está na agulha. Ele sabe que está. Ele mesmo a havia engatilhado antes de sair de casa. Um militante procurado nunca anda com a arma desengatilhada. Trava e destrava a arma outra vez para se certificar.

Olha para frente e avista a esquina a uns cinquenta metros.

— Tudo isso? E ainda faltam... um minuto e meio? – seu cálculo de um minuto para percorrer meio quarteirão está errado.

— De novo? – diminui o passo para dar chance ao relógio correr um pouco mais rápido e mais uma vez leva a mão à cintura e sente a arma.

O tempo não pode ser elástico, precisa ser duro e frio para que passe logo. Mas, nos encontros entre militantes clandestinos, tudo depende de frações de segundos e a adrenalina sobe ao máximo. O tempo ganha outro valor.

— Parece parar só para dificultar as coisas – pensa nisso e ri sozinho.

— Deve ser por isso que chamam isso de *ponto*. Tudo tem que ser em ponto – ri mentalmente mais ainda sobre a própria besteira produzida.

A esquina chegou!

A partir daí ele terá que ser muito discreto, olhar rapidamente com o canto dos olhos e ver tudo. Cada detalhe precisa ser notado, cada cara mais atenta sobre ele pode indicar um inimigo, cada carro parado estranhamente é suspeito. Pessoas com volumes sob a roupa podem estar carregando armas e serão os primeiros alvos. Deve fazer tudo isso e ao mesmo tempo manter a tranquilidade para não chamar a atenção.

Antes de virar a esquina enche os pulmões de ar, segura um pouco e solta de uma só vez. Junto com o ar sai também um pouco da tensão. Por sua cabeça passam vários rostos de amigos e companheiros, alguns caídos, inimigos enfrentados olhos nos olhos e o dia anterior. O tiroteio havia sido cinematográfico e ele ainda não entendera como tinha conseguido fugir.

A primeira coisa que fez quando saiu de casa foi comprar o jornal para ver se deram algo.

— Pelo menos uma notinha num canto qualquer da página policial deve ter saído – levou um susto ao ver sua foto na capa junto com a do major que ele matara na fuga.

Sua cara no jornal era de uma criança de quinze anos, a mesma da caderneta escolar e dos cartazes de procurados pela repressão. Nem de longe parecia com o homem de vinte e pou-

cos anos de agora. A foto do militar também não se parecia com o rosto que ele mirara para atirar.

— O filho da puta morreu tentando me matar e vira herói. Bela merda!

Pensa tudo isso em apenas um metro e meio de caminhada até o final da esquina. Sente uma enorme vontade de dar meia volta, pois seu instinto animal diz que outra emboscada está armada para ele. Todas as arapucas que armara em criança para pegar passarinhos passam por sua mente.

— Mas este passarinho aqui não vai parar na gaiola. Eles querem beber meu sangue. Querem fazer comigo o que fizeram com o Bacuri. Matar aos poucos durante vários meses de torturas – pensa isso e lembra de suas arapucas e que bacuri é também o nome de um passarinho.

Um frio sobe pela espinha e provoca coceira na nuca. Leva mais uma vez a mão até a cintura e ela está lá com a mesma temperatura de seu corpo.

Abre a sacola de feira que carrega e mexe na metralhadora. Tudo está certo e preparado.

Vira finalmente a esquina, olha tudo atento e rapidamente. Volta alguns passos como se procurasse um número de casa e depois um papel no bolso. Gela por dentro.

Tudo parece normal. Mas, será que está mesmo?

Vira a esquina mais uma vez recolocando o papel no bolso e segue adiante. Não pode vacilar. Avista o companheiro caminhando em sentido contrário na calçada oposta. Olha para trás e não vê nada de estranho. Olha para frente e tudo parece estar normal. O companheiro o vê e não esboça nenhuma reação. Isso pode ser bom ou mal sinal. Só vai saber na hora em que apertar a mão do amigo e nada acontecer.

Segue em frente com a mesma ansiedade de sempre, que nunca acaba. Sempre. Até a próxima vez.



41777



O CARRO-FORTE

O grupo está reunido a espera do chamado do comandante. Entre os que estão reunidos nessa roda de conversa informal está Japa, o comandante militar da VPR de São Paulo, que adora contar histórias engraçadas. Seu nome é Yoshitane Fujimori, filho de imigrantes japoneses, nascido na pequena Mirandópolis, cidade do interior de São Paulo.

O comandante reúne a tropa da guerrilha urbana e informa como será a distribuição de tarefas. O grupo reunido ali é só parte da tropa toda. Ainda tem o grupo que vai fazer a segurança imediata, que protege as pessoas envolvidas na ação direta, e ainda tem a segurança estratégica, que protege todas as pessoas envolvidas na operação e também na segurança.

— Pessoal, esta ação é muito importante para nossa luta e precisamos fazer tudo dar certo, pois o inimigo está muito confiante e nós precisamos de ações com sucesso. Esta é uma ação da Frente Armada e vários companheiros não são conhecidos por vocês, como é o caso da companheira aqui ao meu lado. Por

esta razão, todos nós vamos usar boinas vermelhas para haver uma identificação imediata e fácil, além de darmos uma demonstração de nossa presença ostensiva para a população. Este é o grupo de ação imediata, que vai entrar no palco de operações. O outro grupo é o da segurança imediata, que nos protegerá. E dois companheiros muito experientes vão fazer a segurança estratégica, com armamento pesado e muita munição.

O comandante distribui as tarefas para cada um, mostra como devem se articular entre si e que tudo está sob controle agora. Diz tudo isso omitindo o fato de que alguns guerrilheiros foram substituídos por medida de segurança até ser confirmado que o fracasso da última operação não foi ação de infiltrado.

— Onde ficará a segurança estratégica, Henrique?

Um dos guerrilheiros pergunta isso e recebe como resposta apenas um: “Não se preocupe com isso. Estarão no lugar certo”.

— Lembrem-se! Só coloquem as boinas quando eu colocar a minha e depois que o primeiro tiro for dado. A segurança vai estar focada em mim com a boina vermelha e não vão perceber vocês. Depois que for dado o tiro de FAL, vocês vão aparecer e eles serão surpreendidos. Por isso é que vamos usar as boinas vermelhas para rápida identificação dos participantes.

Todos ouvem a ordem e apenas acatam.

Muito discretamente, as boinas vermelhas são distribuídas e uma emoção enorme toma conta daquelas pessoas participantes de uma ação de grande envergadura como a que vai começar dentro de instantes. Normalmente, as boinas usadas são as que cada um tem, que pode ser preta, azul ou de qualquer outra cor, apenas para mostrar que são guerrilheiros. Por ser vermelha a boina ganha importância e causará um impacto maior ainda.

Todos caminham em pequenos grupos separados até o local da ação, cerca de uns cem metros adiante, se colocam nas posições determinadas e começa a espera exasperante. A guerrilha fará um ataque a um carro-forte, que transporta grande soma em dinheiro. A repressão militar não sabe, nem tem certeza do motivo para a guerrilha urbana tomar bancos e outros meios de depósito de dinheiro. Com a captura de um carro-forte, ficará desorientada com a ousadia e o destino que tomará toda a soma de dinheiro. Com certeza, desconfiará que a guerrilha rural está sendo montada.

O carro-forte chega na hora prevista e para imponente na porta do banco da avenida do bairro elegante. Parece inexpugnável, colossal, uma fortaleza mesmo. Desce do carro o chefe da equipe de segurança, que porta uma carabina calibre 12, olha para os lados e dá alguns passos, olha outra vez para os lados, observando se há algo estranho nas redondezas, dá duas pancadas na porta traseira do veículo e se posta na porta do banco. Descem do carro outros dois seguranças armados de pistolas e carabinas, com sacos de lona nas mãos, comentam entre si algo engraçado e riem. Seguram suas armas e estão tranquilos, pois nunca um carro-forte foi atacado no mundo antes.

Os guerrilheiros tudo observam e percebem que tudo está dentro do esperado. Isso facilita bastante a ação guerrilheira, pois nada sairá do planejado. Discretamente, Henrique coloca sua boina vermelha e se prepara para dar início à ação. Numa obra perto dali, na mesma calçada, Japa desembainha seu fuzil FAL e outro companheiro avisa os operários para se abaixarem, pois uma ação revolucionária iria começar e poderia haver um combate pesado. Todos obedecem e se agacham. Olhares curiosos de trabalhadores explorados da construção civil observam aqueles homens com armas pesadas bem diante de seus olhos.

Os dois seguranças saem do banco com duas malas cheias de dinheiro e são rendidos por Henrique, com sua metralhadora alemã schmeizer, e outro companheiro, com uma carabina winchester 44. A tradicional ordem de comando da guerrilha é ouvida longe:

— Não reajam! Isso é uma ação revolucionária.

O comandante da equipe secundária rende o chefe da segurança do carro, parado na porta do banco, e tira suas armas.

Ao mesmo tempo, na obra, de trás do muro em construção, Japa mira e dispara seu fuzil FAL com uma rajada de dois tiros apenas. Os tiros furam o para-brisa de vidro blindado sem estilhaçar, espatifa o rádio transmissor do veículo, atrás da cabeça do motorista, e deixa a unidade sem comunicação com a base e com a polícia. É a senha esperada. Todos os participantes da ação colocam suas boinas vermelhas e começa o ataque ao carro de transporte de valores da maior empresa internacional de segurança particular. É um momento histórico na luta armada internacional.

O companheiro Zeca se aproxima e dá uma rajada curta nos pneus para imobilizar o veículo de vez. Japa sai da obra, se coloca na frente do carro-forte e aponta seu FAL para o motorista. Ordena ao surpreendido motorista que abra as portas do veículo e é obedecido prontamente. Começa a operação de retirada dos muitos malotes de dinheiro de dentro da fortaleza móvel. Roque para o carro da Organização junto ao cenário de operações e começa a corrente de mãos e braços para tirar os malotes e jogá-los dentro dos carros da ação. Logo estão todos dentro e chegam os dois malotes que estavam nas mãos dos seguranças, que ficaram petrificados e não largaram os sacos de dinheiro até receberem a ordem dos guerrilheiros.

O comandante Henrique dá o grito de retirada e avisa aos guardas já devidamente desarmados que não devem tentar seguir ou reagir na retirada dos guerrilheiros. Todos entram nos carros de ação, tiram suas boinas vermelhas e os carros rumam correndo para o local de “transbordo”, onde passam todos os malotes para um carro com placas que não são procuradas pelo inimigo. As armas pesadas são colocadas no carro azul, os malotes na kombi verde, as boinas são reunidas num saco pequeno e entregues para Henrique, o fusca branco carrega o comandante Japa e os dois guerrilheiros da equipe de segurança estratégica. O fusca vermelho leva o comandante Clemente, da equipe secundária, e mais dois guerrilheiros, que escoltarão o comboio vitorioso. Os outros carros carregam os demais guerrilheiros, que serão levados para fora da zona de perigo e pegarão seus carros ou ônibus para irem para seus aparelhos, longe do raio de ação do inimigo repressor.

Henrique entra na kombi e guarda sua pistola 45, tomada de um capitão do exército em outra ação, no saco junto com as boinas, sorri e comenta com seus companheiros:

— Sucesso total! Se não for grande a soma expropriada, só pelo fato de termos surpreendido o inimigo e atacado uma fortaleza do capitalismo já valeu a pena. Por essa eles não esperavam. A ditadura não consegue estar presente em todos os lugares e ao mesmo tempo. Isso é uma ação de guerrilha urbana verdadeira – sorri vitorioso.

Roque dirige a kombi, pois os malotes com o dinheiro vão para o seu aparelho, para ser contado e distribuído para as organizações usarem em seus trabalhos específicos. Quase todo

numerário vai ser destinado para a estruturação da tão esperada guerrilha rural. Outra parte vai para a manutenção dos militantes, que se dedicam integralmente ao trabalho clandestino e já não podem mais trabalhar em suas profissões, pois são procurados.

A ordem de Roque é dada e todos no carro fecham seus olhos, pois vão se dirigir ao aparelho onde os malotes serão guardados e contados os valores. A kombi desliza por ruas e avenidas, dá muitas voltas, entra em ruas esburacadas propositalmente para confundir quem é transportado e para várias vezes como se estivesse esperando o semáforo abrir. Quem está dentro do carro e está de olhos fechados não tem como saber o que se passa de verdade.

O carro para na frente de uma garagem, a porta é aberta, sem precisar buzinar, e Roque entra na garagem protegida. Um rapaz bem jovem fecha a porta da garagem e a tranca. Vai agitado ver os militantes que chegam com seu pai e os malotes da Brink's recheados de dinheiro. Todos descem do carro, Henrique abraça o rapaz e diz sorridente:

— E você está aí, pronto para trabalhar né? Hoje você vai ver como dinheiro fede. É o cheiro da exploração capitalista e da podridão do capital.

O menino ri orgulhoso e dá um abraço no líder da Organização, que é também um carinhoso amigo de todos.

O lendário Comandante Cid chega até a porta da garagem e saúda a todos sorridente.

— Viva! A Revolução avança? Contem-me tudo, por favor. Eu fico até com inveja de vocês, que podem sair à rua para fazer as ações – diz isso entre feliz e melancólico.

— Sucesso total, meu caro. Esses militantes são a fina flor da nossa luta – Henrique diz isso e vai abraçar Cid para consolá-lo por não poder sair às ruas.

— Estamos construindo as condições para você ir comandar nossa tão esperada guerrilha rural. Você vai unificar todas as nossas organizações e vai dar a partida de uma nova etapa de luta, meu camarada querido.

— Eu sei, Henrique. Fiquei aqui conversando com a Ruth e seu filho. Eles me dão todo o carinho do mundo, mas é difícil aguentar isso de ficar trancado num aparelho.

Os dois entram abraçados e Henrique vai para a cozinha e abraça Ruth, velha militante comunista, que terminava de passar um cheiroso café para os que chegam e para alimentar a garrafa térmica de Cid, que estuda, escreve muito e toma café o dia todo.

— Está cuidando bem do nosso comandante, companheira? Tenho certeza de que sim. Dina te manda um abraço forte. Diz que você tem que ir lá em casa ou ela vir aqui para vocês colocarem as conversas em dia.

Ruth responde com um: “É só marcar”.

Os malotes são levados para o “quarto da guerrilha”, como é conhecido o cômodo da casa reservado para ser usado como gráfica e depósito de material da Organização. As paredes são revestidas com caixas de ovos para abafar o som dos mimeógrafos, que funcionam a todo vapor em momentos mais graves. Lá está a gráfica da luta armada urbana. Roque comanda a operação de alojamento e organiza o começo do inventário. Todos descem para tomar café.

A cozinha fica cheia de gente sorridente pelo sucesso da ação. Cid puxa a saudação.

— Companheiros, hoje vocês fizeram história. Desde a captura do embaixador do imperialismo não acontecia uma ação tão ousada e cheia de significado histórico. Vocês mostraram que o capital é fraco para nossos ataques de surpresa e a ditadura não tem como proteger esse capital, dono dela.

— Você está esquecendo do baile que você deu nos milicos lá no Vale do Ribeira? Eles ainda estão furiosos com a desmoralização que você comandou, Cid.

— Pessoal, a conversa está muito boa, o café está gostoso como sempre, mas temos trabalho a fazer. Precisamos abrir os cadeados dos malotes e contar a dinheirama toda. Vai ser difícil abrir esses cadeados blindados.

Henrique fala ao capitão Carlos Lamarca com seu sorriso maroto de mineiro e com anos de trabalho como torneiro mecânico:

— Cid, desculpa falar assim. Você é de formação militar, seu pai era sapateiro e você não sabe como tratar um cadeado. Uma boa porrada nele e o danadinho abre facilmente. De metais eu e o Roque entendemos. Somos metalúrgicos e conhecemos bem esse material.

Todos sobem para o “quarto da guerrilha” e encontram uma montanha de sacos da Brink’s. No meio daquilo tudo está Teobaldo, filho de Roque, com um martelo, uma marreta e uma talhadeira nas mãos. Tudo preparado para a “cerimônia” de abertura dos malotes.

— Esse aqui sabe das coisas. Já trouxe as ferramentas certas para abrir os cadeados.

Roque responde orgulhoso sobre seu filho:

— Ele tem curso de serralheria numa escola técnica. Sabe como tratar o metal.

Henrique pega a marreta e dá uma pancada certa no corpo do cadeado, segurando o saco e a argola do cadeado, que se abre na mesma hora. Todos riem satisfeitos. Foi mais fácil do que se pensava.

— Você fica com o martelo e eu com a marreta. Num instante abrimos tudo, Roque.

A sala fica em silêncio e apenas se ouve o barulho da pancada e o estalo metálico. Em poucos minutos todos os malotes estão abertos. Começa o inventário da ação. Logo a mesa está cheia de pilhas de dinheiro e é feita uma conta baseada nos valores apontados nas cintas que amarram os maços de notas.

Cid pega os sacos de lona com o logotipo da Brink’s, examina a qualidade do tecido e diz que poderiam ser transformados em pequenas mochilas ou alforjes para a guerrilha rural.

— Pela soma deu quatrocentos e sessenta e dois mil. Vamos conferir, pois não dá para confiar nem na soma de capitalista.

— Vamos passar para cada Organização as quantias definidas na última reunião da Frente. Vamos ver se dá para manter a metade para o fundo de criação da guerrilha rural, pois os gastos com a manutenção dos militantes clandestinos nas cidades estão grandes.

Ruth, companheira de longa data de Roque, convida a todos.

— Meninos, vamos comer algo lá embaixo agora?

Ninguém fala nada e todos descem rápido para um lanche merecido.

Ruth se explica e elogia os guerrilheiros.

— É uma comidinha simples para combatentes extraordinários.

Todos sorriem orgulhosos e nada falam, pois estão com as bocas ocupadas e felizes.

— Roque, me tira daqui agora, pois tenho que me encontrar com o Japa para fazermos uma avaliação da ação. Ele foi perfeito no tiro que deu para neutralizar o rádio do carro-forte. É um companheiro valoroso.

— Você acredita que o Fujimori ganhava de mim nos campeonatos de tiro que fazíamos lá no Vale do Ribeira, quando ainda era um campo de treinamento, Henrique? Ele acertava em cipós balançando como pêndulos. Além de ser um guerrilheiro disciplinado.

— Ganhava de você? Que foi campeão de tiro do exército? E olha que ele é operário de telefonia, não é militar como você.

Todos riem orgulhosos do companheiro Japa. Henrique, Roque e mais dois companheiros descem as escadas e vão para a garagem para a operação de retirada do aparelho. Henrique vai no banco do carona e os demais vão embaixo da tábua de compensado, que Roque mantém para que a vizinhança não veja a movimentação e a quantidade de pessoas que entram em sua casa. Preocupação fundamental para manter a fachada legal do aparelho.

Roque roda com a kombi verde por meia hora, percorre ruas esburacadas, avenidas, ruas tranquilas, para várias vezes como se estivesse parando em semáforos, as vezes corre e outra vezes anda mais devagar. Tudo para que os ocupantes do carro, que estão com os olhos fechados e não veem o trajeto, não possam saber onde é o seu aparelho.

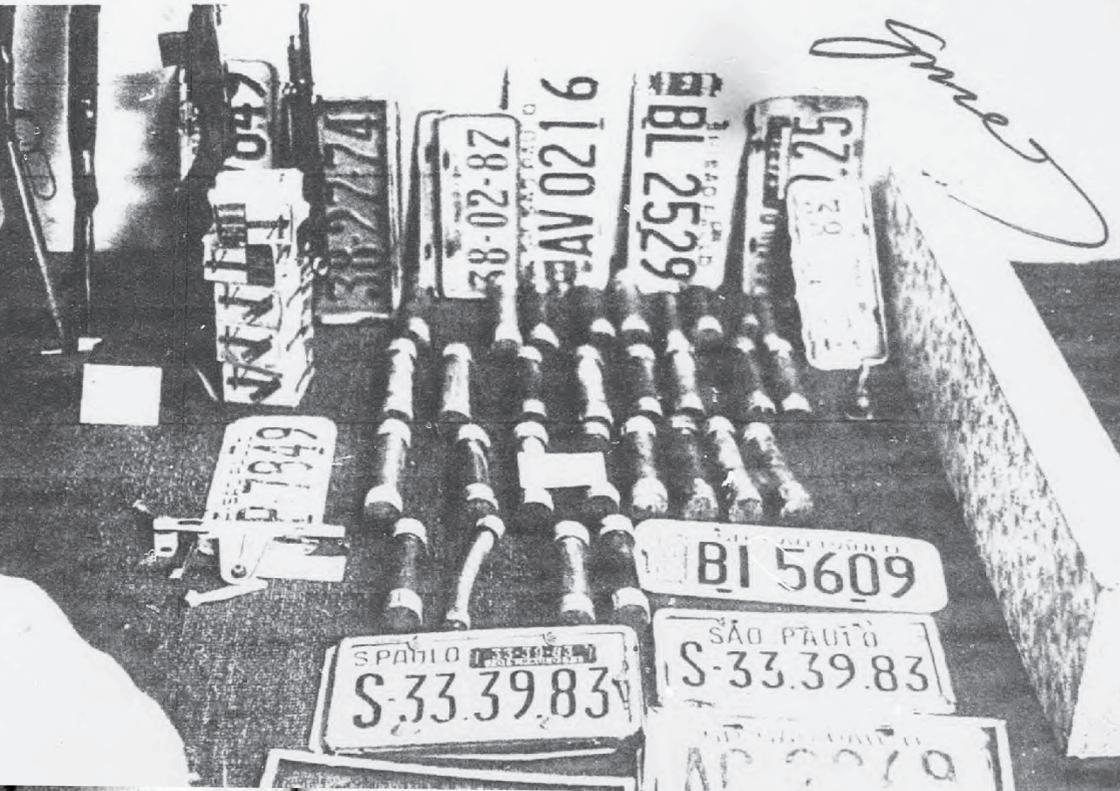
— Agora pode abrir os olhos, Henrique.

— Meu carro está naquela pracinha em que nos encontramos antes da ação.

Roque para a kombi numa rua deserta, desce para abrir a porta da parte do bagageiro e libera seus companheiros, que estão sob a tábua, com uma de suas brincadeiras:

— Podem sair agora e ver a luz do dia. Apesar de que já é quase noite.

Todos se abraçam, saem andando e Roque segue com Henrique até a pracinha. A guerrilha urbana segue com sua quase rotina para tocar a luta contra a ditadura militar, aparentemente invencível, mas que sofreu uma importante derrota com o ataque bem sucedido ao carro-forte.





TOMADA DE FÁBRICA

A tropa é reunida no Ipiranga, numa travessa da avenida Nazareth, e Clemente lembra que ninguém tomou café da manhã. Além disso, precisam comprar os sacos para a ação. Henrique diz que as duas outras equipes de ação estão prontas num quartirão abaixo do grupo. Clemente insiste em tomar o café com a tropa que vai invadir a fábrica e pede para Henrique marcar novo ponto com as tropas de segurança imediata e a estratégica. Lá vai Henrique, que volta logo.

— Falei com o Castro e com o Rei para darem uma volta e nos esperarem no largo perto da fábrica.

Clemente, um maníaco por segurança, orienta Henrique e obriga a dar um monte de voltas e acabam na Aclimação.

— Esse é chato com caminhos. Nunca está bom ou perto o suficiente. Ou está perto demais para ele – Uns e Outros comentam isso com seu forte sotaque de carioca da zona norte.

Todos tomam o típico café da manhã de paulista numa padaria, a famosa padoca como chamam carinhosamente os paulistanos. A receita é simples, mas característica de São Paulo capi-

tal. Um pingado, que nada mais é do que um copo de leite e um pouco de café (daí o nome pingado), um pão francês com manteiga derretida numa chapa, que faz esse pão com manteiga, mas faz também bife, frita queijo, bacon, ovo, linguiça e tudo o que o freguês pedir. Ou seja, a chapa tem algo parecido com o sabor universal delicioso.

O companheiro Uns e Outros senta no banco de trás do fusca ao lado do jovem Teobaldo, enquanto Henrique toma a direção do carro de combate e ao seu lado senta Clemente, que ainda está estalando os beiços saboreando o café com pão e manteiga. Excelente motorista e profundo conhecedor das ruas e atalhos de São Paulo, Henrique chega rapidamente à transversal da avenida Presidente Wilson. Olha atentamente as redondezas, dá um rápido e discreto sinal de luz para os dois carros da cobertura, que aguardam, e puxa a fila do comboio rumo ao objetivo.

A guerrilha vai tomar a fábrica da Mangels, metalúrgica alemã, acusada de colaboracionista do nazismo e instalada no Brasil há bastante tempo. Os trabalhadores reclamam de baixos salários e outras coisas próprias do milagre brasileiro, que não distribui a enorme riqueza produzida e superexplora a classe trabalhadora. Não é uma fábrica qualquer, pois está situada na frente de uma garagem da polícia civil e a cinquenta metros do quartel de uma companhia do exército brasileiro. É importante a tomada dessa fábrica, mas é uma ação de grande risco e muito ousada para o momento de guerra aberta que vive a guerrilha urbana.

— Quase trabalhei aí. Só não consegui porque os alemães levantaram minha ficha e descobriram que eu era do sindicato de São Bernardo. Esses fascistas não gostam de trabalhador consciente e organizado – Henrique, torneiro mecânico orgulhoso de sua classe e de sua militância sindical, diz isso e todos ficam em silêncio, aguardando as ordens do comandante.

— Na saída da ação, vamos usar sirenes para facilitar nossa fuga. Não se assustem, portanto.

Todos ficam surpresos com essa notícia e curiosos para saber que história é essa. Ninguém desconfia de nada que parta dele, mas sempre tem uma surpresa com suas iniciativas criativas, que se destaca como um gênio militar da precária guerrilha.

— Eu comprei num leilão que eles fizeram quando trocaram essas sirenes pelos alarmes, que tocam direto dentro das dele-

gacias. Capitalismo é assim, vende a corda com que vai ser enforcado, como dizia o Lênin.

— E funciona bem - diz Clemente, o único que já sabia da novidade.

Todos riem com a novidade e com a possibilidade de uso de sirenes nas ações armadas ou para fugir do cerco da repressão. Uns e Outros fala de como será engraçado se cruzarem com o inimigo na fuga. Mais risadas.

O comandante passa sua inseparável pistola 45 para Teobaldo, pois se preocupa com a segurança do jovem guerrilheiro e quer que ele a use como reforço no combate. Segundo ele, Teobaldo deve ficar atento com o início do combate que, quase com certeza, deverá acontecer. Ele e Uns e Outros não portam armas longas, pois sua tarefa é fazer a segurança imediata da invasão à fábrica, no início da ação, e desarmar os guardas da segurança da fábrica. Se começar o fogo aberto, eles devem buscar as armas longas escondidas atrás do banco, no fundo do carro. Uns e Outros usará sua metralhadora INA 45 e Teobaldo o fuzil operacional mauser de coronha e cano cortados, que dá um soco violento ao disparar, mas que não é problema para os punhos duros e mãos firmes do jovem.

Henrique dá o sinal aos dois carros da segurança para posicionamento discreto e todos observam o movimento na porta da fábrica. É o dia de pagamento.

Os trabalhadores se aglomeram na porta de entrada e saída dos caminhões, aguardando o som da sirene, na volta do almoço. Ao ouvir o toque, entram rapidamente para bater o cartão e esperam a chamada para receber o salário do mês. Os envelopes de pagamento terão metade do pagamento em dinheiro e a outra metade será o impiedoso comprovante de retirada do vale pago na metade do mês. É sempre uma reclamação, pois o dinheiro é pouco no final das contas e dividido pela metade fica pior ainda.

Teobaldo desce do carro junto com Uns e Outros, com as armas na cintura, fazem a segurança imediata para a entrada do carro com Henrique e Clemente, ambos com metralhadoras. O carro de ação interna aproveita a confusão e que não há mais ninguém sobre a balança dos caminhões e invade a fábrica. Os guerrilheiros entram na sala dos guardas, que fica antes da ge-

rência e a agitação é percebida pelos operários, que se aglomeram para ver o que se passa.

Com as armas nas mãos, começa a ação. Teobaldo é o segundo a entrar, logo atrás vem Henrique e os guardas são colocados com a cara contra a parede pelo jovem guerrilheiro, que toma as armas e cinturões dos guardas de segurança privada. Henrique ameaça todos para garantir sua entrada na sala da gerência.

— Eu vou entrar, hein? Se tiver alguém lá dentro vai ter um puta tiroteio aqui e vocês vão levar chumbo grosso.

O guarda assustado com a presença do homem armado com uma metralhadora informa.

— Pode entrar, moço. Não tem ninguém armado lá dentro

O comandante entra com sua metralhadora schmeizer 9mm e diz seu costumeiro: “Putá merda!”. Em seguida reclama com Uns e Outros, que silenciosa e tranquilamente começou a ação antes da entrada de Henrique.

— Você já tinha entrado e não me avisou.

Uns e Outros já tinha rendido o gerente e o outro funcionário, limpado a mesa para encher os sacos mais livremente e agia tranquilo. Nessa operação, fez mais uma de suas costumeiras brincadeiras em ação. Sacudiu os sacos com força espalhando o resto de farinha de trigo na sala inteira e fala para o gerente não se assustar com o pó branco.

— Não vai doer nada. Pelo contrário, vai amortecer seus músculos e vai deixar tudo relaxado. Isso é um pó paralisante.

O gerente acredita.

Lá fora, Clemente começa seu discurso para os operários.

— Companheiros, estamos aqui para mais uma ação revolucionária contra a ditadura militar e contra o imperialismo, que rouba as riquezas de nosso país. Fomos chamados aqui pelos trabalhadores desta fábrica, que estão insatisfeitos com os salários e com as condições de trabalho.

Realmente, a guerrilha fora convidada a fazer essa tomada de fábrica por trabalhadores organizados e insatisfeitos com os salários. A companheira Socorro, da ALN, se empregou na fábrica e conversou com os companheiros da comissão de fábrica, que recomendaram a realização da ação de expropriação do pagamento e a denúncia da exploração.

Socorro fez todo o levantamento da empresa e produziu um croqui muito bem feito das instalações. A comissão de fábrica

da Mangels, que atuava clandestinamente para não ser entregue pelos patrões para a repressão política, pediu a ela essa ação. A solicitação foi clara: levem os envelopes com os comprovantes de pagamento do vale, fato que irá forçar o pagamento integral do mês, sem desconto da antecipação salarial, por falta do comprovante, e para facilitar o trabalho dos companheiros de dentro da fábrica.

Dominados os guardas, Teobaldo retira os cinturões de bala e os revólveres, vai para o canto da salinha, arromba o armário das carabinas da segurança com o cano do revólver, espatifando os vidros do móvel e provocando um espalhafatoso barulho, que assusta os que deveriam proteger a propriedade da fábrica.

O telefone da sala da contabilidade toca estridentemente. É o quartel ligando para confirmar a tomada da fábrica por um comando guerrilheiro da Frente Armada Revolucionária. Henrique tira o fio da tomada com força e junto arranca o telefone de cima da mesa, que cai no chão com um barulho parecido com um tiro. O gerente, deitado no chão, se esconde debaixo da mesa de trabalho apavorado.

A tensão aumenta, mas ninguém abandona seus postos. Nem os operários, que ouvem o discurso dos revolucionários e se divertem com o desafio aos militares.

O comandante Bruno atravessa o carro na rua. Castro coloca uma caixa de granadas sobre o capô do carro e o pé sobre o para-choque para dar mais firmeza ao mirar seu fuzil em direção ao quartel à espera da ofensiva dos militares. Sem saber o que acontecia, um oficial sai imprudentemente do quartel com um grupo de soldados armados de fuzis para dar combate aos guerrilheiros. São parados com uma rajada de FAL a poucos centímetros de seus coturnos. Os militares assustados recuam rapidamente e entram no quartel correndo.

Henrique brinca com a situação tensa.

— Começou a guerra lá fora.

Clemente continua seu inflamado discurso.

— A ditadura militar brasileira entrega nosso país para o imperialismo e acha que todo o povo vai ficar calado. Estamos aqui para provar que o povo brasileiro tem coragem de lutar contra esses gorilas assassinos de trabalhadores. É possível enfrentar a ditadura dos patrões e esse bando de entreguistas, que vendem nossa pátria para alemães e americanos.

Toma fôlego para continuar seu discurso e vê sinais de aprovação na massa de trabalhadores, que não arreda pé do local, nem quando ouve os tiros do lado de fora da fábrica. Muitos riem e se cutucam para apontar um trecho da fala do jovem comandante militar da ALN.

— Estamos aqui, nessa ação revolucionária, para mostrar que a exploração de nossa classe operária tem limite e que nossas armas estão a serviço de vocês. Vamos expropriar os envelopes de pagamento e, se não pagarem amanhã o salário integral, voltaremos para fazer a justiça revolucionária contra esses patrões que serviram ao nazismo e agora servem à ditadura brasileira

A fala de Clemente alegra os operários, que riem e comemoram as palavras dele.

Da porta do quartel, o coronel olha temeroso com um olho só o que se passa na frente da fábrica. Castro, ex-sargento do exército e exímio atirador, se diverte com o medo do inimigo e dá um tiro certo na parede a um palmo acima da cabeça do curioso militar, que recua e não volta mais para o combate. Os operários circulam sem medo dos tiros pela porta da fábrica e gostam do inusitado da cena. Isso anima os combatentes revolucionários.

— Companheiros, não há o que temer. O povo está em armas e os patrões já sabem que não podem agir impunemente. Essas armas aqui estão a serviço de vocês, do povo e da Revolução que vai libertar nosso país da exploração imperialista. Os militares assassinos de trabalhadores chamam essa ditadura de revolução. Errado. Nós somos a Revolução.

Enquanto isso, os cinco guardas ouvem a preleção de Teobaldo, dentro da salinha da segurança, que diz a eles que a guerrilha não é composta por ladrões e que eles não devem abusar de sua posição de guardas para reprimir os trabalhadores. Um dos guardas diz concordar.

— Tô de acordo.

O guerrilheiro afirma que a guerrilha sabe de tudo o que acontece dentro da fábrica e que voltará para fazer a justiça revolucionária, caso seja necessário.

Henrique e Uns e Outros saem com dois sacos cada um e Teobaldo faz a segurança para sua retirada, com os cinturões de balas retirados dos guardas cruzados no peito, tal qual um dos

guerrilheiros de Emiliano Zapata. Num saco leva os revólveres tomados dos seguranças e as três carabinas Urco calibre 32, retiradas do armário. Uns e Outros entra no banco de trás do fusca e a ordem do comandante para a retirada é dada.

Antes de sair, Teobaldo se despede dos guardas com a ordem de não saírem por cinco minutos, pois talvez haja uma batalha lá fora e eles podem se ferir. Ele passa pelo palco do comício de Clemente e pula o cano que faz a divisória da balança com a passagem de pedestres. Pesado com aqueles cinturões de balas, carabinas e revólveres, entra no carro, coloca o saco de armas tomadas do inimigo atrás do banco junto com os cinturões de balas e fica atento segurando seu revólver e a pistola 45 dada por Henrique.

Henrique coloca sua parabellum mauser para fora dando proteção à retirada de Clemente, que entra e prepara-se para o possível combate. Henrique dá ré e sai pela contramão da rua, em sentido oposto ao quartel. Espera os companheiros do carro da segurança entrarem todos, vê Castro carregar seu FAL e a caixa de granadas para dentro do fusca verde. Os dois carros seguem rápido até encontrar o carro da cobertura estratégica, comandada por Rei.

O comboio de carros cheios de revolucionários anda devagar para não chamar atenção até avistarem a subida do viaduto São Carlos. Nesse ponto, Henrique liga a sirene que instalara nos carros e sai em velocidade alta, com as armas para fora das janelas simulando ser um carro da polícia. Não demora muito e o comboio cruza com duas C-14 do DOI-CODI vindo em desabalada carreira para dar combate aos guerrilheiros, que tomavam uma fábrica logo adiante. Esbravejam com os braços e armas para fora das janelas que os guerrilheiros estão indo em sentido errado e indicam que devem ir para onde eles estão indo. Henrique balança o braço, com a parabellum na mão, dizendo que era para o outro lado que deveriam ir e que esse é o caminho certo. Os assassinos da repressão desistem de convencer os “policiais confusos” e seguem em direção à fábrica tomada.

— Eu não falei? – indaga ironicamente Uns e Outros e todos caem em gargalhadas com a burrice do inimigo.

As sirenes são desligadas e as armas são escondidas para não chamar mais a atenção.

Henrique pilota o carro do comando e leva o comboio para uma travessa da rua da Independência, perto do Largo do Cambuci, onde os sacos com dinheiro e envelopes são passados para a kombi com placas legais e as armas tomadas mais as armas pesadas da guerrilha vão para os carros com placas legais. Os três carros da ação serão dispersados e largados em um ponto mais adiante para confundir a repressão mais um pouco.

Clemente dirige o carro da ação para ser dispensado. Vai junto com Teobaldo para a avenida Ricardo Jafet e para diante de uma pracinha na rua Coronel Diogo. Seu companheiro diz que está muito perto do local de outra ação feita alguns dias antes e Clemente concorda. O helicóptero Bagre dos militares corta o céu de São Paulo à procura dos guerrilheiros. O carro segue adiante e chega à rua Vergueiro, manobra e estaciona atrás da caixa d'água da Sabesp da rua Carlos Petit.

— Aqui está bom. Gosto dessa região para guardar carros por ser exclusivamente residencial.

Clemente como um mestre ao discípulo, embora tenha vinte anos e Teobaldo dezesseis recém-completados.

Clemente imprime suas impressões digitais no vidro do para-brisa do carro e Teobaldo pergunta o motivo de tão esdrúxulo ato. A resposta soa como algo assustador.

— Se eu cair, não saio com vida. Se é para me matar, vão matar com um motivo justificado. Fiquei sabendo que eles ficam furiosos quando encontram minhas digitais.

O estranho ritual de Clemente para abandonar carros de ação incomoda muito Teobaldo, que lembra na hora que aquele era um dos militantes mais procurados do país, que sabia que seria trucidado se fosse capturado e dizia que não cairia vivo em hipótese alguma. Dentro dessa lógica, provocava o inimigo deixando ostensivamente suas impressões digitais no para-brisa do carro que dirigia em ação. Teobaldo fica com aquela cena na cabeça.

O carro é abandonado. Clemente abraça fraternalmente ao jovem guerrilheiro e assim caminham alguns metros. O alagoano criado no Rio de Janeiro, e Teobaldo, gaúcho recém-chegado a São Paulo, tem uma ligação muito forte e uma semelhança física grande. A pouca idade dos dois aumenta a possibilidade de serem confundidos um com o outro.

Andam pela avenida Vergueiro entre as obras do metrô e se separam na esquina da rua Machado de Assis. Clemente atravessa o pontilhão de madeira e vai em direção ao Ibirapuera. Teobaldo finge seguir em frente, se certifica que Clemente não o vê mais e entra na rua transversal. Antes de entrar em casa, que fica alguns quarteirões abaixo de onde se separou do companheiro olha ao redor para ver se há algo suspeito. Olha para cima e vê o helicóptero cruzando o céu em busca de um grupo de aguerridos guerrilheiros, que ousaram desafiar um poderoso exército.

— Oi, filho. Já chegou? O que vocês andaram aprontando? Tô ouvindo os helicópteros e sei que estão à procura de vocês.

Teobaldo ri do jeito que sua mãe quer saber o que o filho andou fazendo.

— Tomamos uma fábrica quase em frente a um quartel do exército. Os caras tentaram vir dar combate a nós e foram interrompidos por uma rajada de tiros. Depois saímos de lá com os carros usando sirenes e cruzamos com eles. Foi até engraçado.

— Vocês se divertem com o perigo desse jeito?

O rapaz nem responde. Apenas ri orgulhoso e vai tomar banho. Depois vai estudar.

No dia seguinte, os jornais falam sobre a tomada da fábrica. Surpreendentemente, a cobertura dos jornais é muito boa e nem tão contrária. Cada um ao seu modo, todos exploram o fato de modo sensacionalista, dão destaque para a ousadia da ação e para o fato de terem “assaltado” para levar o salário dos trabalhadores, com o nítido viés ideológico de antipatizar à luta contra a ditadura e a mobilização dos operários por melhores salários. Nada sobre os baixos salários da classe trabalhadora. É a imprensa da ditadura e da classe dominante, afinal.

Outra coisa em comum é como foi descrita a ação e seus participantes. Falam do fato de ser diante de um quartel do exército e de uma dependência da polícia civil, e ressaltam que “estão cada dia mais ousados”. Relatam amplamente que foi usado um estranho “pó paralisante”, que teria imobilizado os guardas e funcionários da fábrica. A história inventada pelo gozador Uns e Outros surtiu efeito e passou a ser dada como verdadeira. O resto da farinha de trigo nos sacos usados pela guerrilha passou a ser um pó paralisante.

Para justificar o domínio da ação sobre os militares e o coronel no comando do quartel, as matérias diziam que “por coincidência, os terroristas saíram pelo lado oposto ao quartel, não permitindo a intervenção dos militares, segundo o comandante daquela unidade militar”. Sobre o uso de sirenes pela guerrilha, diziam apenas que “na fuga dos terroristas ouviu-se o som de sirenes de polícia”, sem dizer que foram os guerrilheiros que produziram o som.

E, ao descrever os guerrilheiros, falam de um “jovem, forte e loiro” que “fez discurso para os operários, rendeu os guardas e tomou-lhes as armas”, surpreendentemente juntando Teobaldo e Clemente numa só pessoa. A semelhança física de ambos foi juntada numa só pessoa com inusitada capacidade de estar em dois lugares ao mesmo tempo.

No final da tarde, Henrique e Clemente se encontram com Teobaldo, que recebem o jovem guerrilheiro com largos sorrisos e um par de abraços carinhosos.

— Emiliano Zapata te manda lembranças.

— Só faltou o sobretudo.

— Que conversa é essa?

— Com aqueles cinturões cruzados no peito, você parecia um dos homens de Zapata ou Pancho Villa. Nem percebeu?

— Eu tinha pendurado no pescoço, mas ficou me atrapalhando para controlar os guardas, aí eu cruzei no peito.

— Parabéns! A ação foi ótima e você teve comportamento exemplar. Nosso mais novo soldado já está formado.

— Agora tu vai ser solicitado para ações cada vez mais difíceis. Se prepara, bicho.

— Os caras são muito burros e não percebem que eram dois e deram como se fosse um só.

Teobaldo comenta sobre a presteza da ação de Castro e os dois contam que ele nem se abalou com os elogios pela pontaria. Henrique está feliz e orgulhoso com seu mais novo combatente. Só tem elogios e faz questão de mostrar isso. Clemente também está orgulhoso com seu sócia involuntário e não para de fazer elogios carinhosos.

Clemente se despede e sai acelerado com seu fusca. Vai encontrar seus companheiros de ALN e organizar os próximos passos da luta.

Henrique sai junto com Teobaldo. Vão se encontrar com Rei, que comandou a segurança estratégica da ação vitoriosa, para fazerem um balanço da ação. Mais do que isso, Henrique vai convocar uma reunião do MRT para também começar o planejamento dos próximos passos da luta. Depois, será convocada uma reunião conjunta das organizações para a articulação da luta pela Frente Armada Revolucionária, que reúne as várias organizações.

Os revolucionários, que lutam contra uma ditadura cruel e implacável terão que levar em conta daí em diante que o inimigo está furioso e que não poupará esforços para matar todos os participantes da ousada ação. O exército da ditadura foi desmoralizado e isso não poderá ficar sem castigo ou vingança. A luta segue firme, dura e determinada.

NOTICIÁRIO

AÇÕES REVOLUCIONÁRIAS DO MÊS:

No decorrer deste mês, foram levadas a efeito, várias ações revolucionárias, de expropriações e ao mesmo tempo de propaganda política. Em São Paulo, as que mais se destacaram foram estas:

EXPROPRIAÇÃO DA FÁBRICA MANGELS

No dia 10 de fevereiro, às 13 horas, um Comando Revolucionário executava uma ação de meios contra a Mangels Industrial S.A., uma grande metalúrgica americana, situada na Avenida Presidente Wilson, no bairro do Ipiranga, em frente a uma garagem da Polícia (DEIC) e a 50 metros de quartel do Parque Motomecanizado da IIReção Militar.

Numa verdadeira ação de comando, os revolucionários, em 5 minutos, tomaram de assalto a portaria, a pagadoria e o Departamento Pessoal da fábrica, dominando o sistema de segurança da empresa, eliminando também vários telefones.

Enquanto se desenvolvia a ação que rendeu Cr\$ 270.000,00, 2 carabinas CBC, calibre 22, e um revólver calibre 38, era feita aos operários que assistiam, uma preleção revolucionária, explicando-lhes o significado e o alcance de tal ação, e a que é a Guerra dos Explorados contra os Exploradores.

É de se notar, que o comportamento dos operários e funcionários diante dos revolucionários, era de simpatia, demonstrando com isso compreenderem que o dinheiro era dos patrões exploradores e seria nas mãos da Vanguarda do povo, uma arma contra o imperialismo que explora e oprime a na-

ção brasileira.

"IMPrensa PARA O POVO"

Às 9,30 do dia 19 passado, o Comando Revolucionário "Aderval Alves Coqueiro", integrado por guerrilheiros do Movimento Revolucionário Tiradentes, expropriou da Companhia - Autentica-Equipamentos e Máquinas, firma essa ligada ao capital estrangeiro, um conjunto de máquinas "off set", mais copiadora, matrizes e produtos químicos necessários ao funcionamento do conjunto.

A ação que durou 20 minutos, se desenvolveu da maneira prevista, tendo nossos companheiros ao sair, pago a importância de Cr-30,00 ao operário que lá se encontrava por haver o mesmo trabalhado no carregamento do material. Foi feito ainda, no local, inscrições de palavras de ordens, tais como: "Imprensa para o Povo" - "Movimento Revolucionário Tiradentes".

Registre-se ainda que o aparato repressor (DEOPS) só chegou ao local por volta das 13,30 horas.

O Domínio do Mito.... Conclusão.....

desenvolvendo no tocante a formação de quadros políticos militares, vem perfeitamente de encontro as premissões do artigo. Elevar o nível político ideológico dos militantes no sentido de aumentar a sua convicção naquilo porque está lutando e dar-lhes uma prática e uma experiência militar.



adandê



VIVA A LUTA ARMADA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL.

OS O PÓVO ACABARÁ COM A FOME E A MISÉRIA.

AO POVO
BRASILEIRO



SÉRIE LUTA
ARMADA

ART-ALN-MR-8

As memórias de Ivan Seixas, preso político da ditadura militar fascista e um jovem guerrilheiro do *Movimento Revolucionário Tiradentes*, percorrem um importante período da história do nosso país, conduzindo o leitor às cenas do cotidiano da vida clandestina de militantes que assumiram o risco de enfrentar a máquina sanguinária da repressão através da guerrilha urbana e de ousadas ações armadas. Os *Contos Guerrilheiros* de Ivan narram o funcionamento interno das organizações guerrilheiras, as relações afetivas de amizade, amor e confiança estabelecidas entre os militantes da esquerda armada, a dureza da vida nos *aparelhos*, os encontros de guerrilheiros nos *pontos*, o levantamento de informações pelos combatentes até as expropriações de bancos e carros-fortes para financiar a luta, os tiroteios com agentes da repressão, as ações de *propaganda armada*, o atendimento médico aos feridos em condições precárias, as redes solidárias de apoio e a tristeza das *quedas* de companheiros presos ou mortos pelos organismos de repressão.



adandê